

“Antes católicos, depois austríacos e enfim italianos”: a identidade católica dos imigrantes trentinos

MARCELO ARMELLINI CORRÊA*¹

Este artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado, a qual tem como objetivo estudar a identidade dos imigrantes trentinos ou tirolezes italianos. Esse grupo de imigrantes veio para o Rio Grande do Sul e instalou-se, em sua maioria, nas colônias italianas no nordeste do estado.

Ao se estudar os imigrantes italianos, não se deve compreendê-los como um grupo homogêneo, mas, sim, heterogêneo, devido ao fato de a Itália no século XIX ser caracterizada pelos regionalismos, ou seja, pelas identidades regionais. Isto ocorria porque esse país só foi unificado em 1870, com a tomada de Roma pelas tropas do Reino de Piemonte que por ser o mais forte, tanto politicamente como militarmente, uniu os demais reinos da península itálica. No entanto, cada região conservava sua cultura local, principalmente em relação ao idioma, pois prevaleciam os dialetos regionais em vez da língua italiana oficial. Mesmo após a unificação, algumas regiões com populações de fala italiana continuaram sob o domínio estrangeiro, como foi o caso do Trentino-Alto Ádige e de Trieste, províncias do Império Austro-húngaro.

Em relação aos imigrantes oriundos do Império Austro-húngaro, pelo fato de ser um estado multinacional, segundo João Fabio Bertonha havia “identidades em conflito, uma nacional e étnica e outra supranacional” (BERTONHA, 2013, p. 17). Assim, para o autor:

Ao contrário do que se sucedia com os alemães, sempre fiéis ao imperador, e com os polacos ou ucranianos, que, longe da Europa, reforçaram a sua identidade étnica, os trentinos ou tirolezes, como se é visto, pareciam encontrar-se em uma situação intermediária. (...) Os imigrantes do IAU, em certos casos, se aproximavam mais de sua identidade étnica e, em outros, a aquela supranacional. (...) ligadas com a experiência de cada grupo dentro do Império e com as suas experiências no Brasil. (...) Os trentinos pareciam encontrar-se em um estágio intermediário: se sentiam italianos, mas regionalistas e com uma visão de italianidade caracterizada de um catolicismo ultramontano e ligada ao Império (Bertonha, 2013, p. 16-17).

¹ Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio Dos Sinos.



A identidade dos trentinos era baseada na religião católica e no culto ao Imperador da Áustria, Francisco José I. Em relação à religião, a Itália, ao se unificar em 1870, conquistou militarmente Roma e outros territórios da Igreja, por isso o Papa

excomungou o reino italiano, considerando-o um Estado ateu. A Áustria-Hungria defendia a Igreja e o Papa, por isso os trentinos preferiam ser súditos austríacos a pertencer ao Reino da Itália, um Estado condenado pelo Pontífice. Muitos trentinos que imigraram para o Brasil traziam consigo um quadro com a imagem de Francisco José, em vista disso vários deles transferiram sua simpatia deste para Dom Pedro II (GROSSELLI, 1999). O imperador austríaco era visto como um defensor da fé católica pelo fato de apoiar as causas da Igreja Católica. Para Possamai (2005, p. 92-93), “os trentinos consideravam-se mais católicos do que os italianos pelo fato de não serem originários de um Estado condenado pelo Papa”. Segundo Bertonha:

A questão católica parece ser o problema central. Na Áustria, os ideais ultramontanos eram difundidos com o apoio do clero e do Estado e teve forte repercussão entre os trentinos e seus sacerdotes, incluindo aqueles que eram imigrantes (Bertonha, 2013, p. 13).

Os trentinos não eram considerados nem italianos nem austríacos pelos demais italianos. Pelo fato de pertencerem a um grupo étnico que habitava um território ocupado por uma potência estrangeira, no caso a Áustria, aqueles que tinham o passaporte austríaco, nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, eram chamados de “sem bandeira” pelos imigrantes com passaporte italiano. (AZEVEDO, 1975). A identidade dos trentinos era uma identidade cultural. Segundo Giron:

A identidade é demarcada pela diferença. Os critérios que determinam a diferença podem ser materiais, como raça, ou imateriais como cultura. São eles que separam vários grupos humanos. (...) A identidade resulta de processos de construção e de reconstrução de passados míticos e metafóricos (Giron, 2007, p. 40-41).

Havia uma rivalidade entre italianos e trentinos imigrados para as colônias italianas da região nordeste do Rio Grande do Sul no período entre 1875 e 1914. Esta rivalidade se acirrou durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando a Itália e a Áustria lutaram em lados opostos, o conflito repercutiu no Brasil entre os imigrantes oriundos dos países beligerantes. Ocorreram situações em que italianos e trentinos se agrediram fisicamente devido a discussões por motivos nacionalistas (CORRÊA, 2014).

A influência católica nas colônias italianas do Rio Grande do Sul contribuiu para a construção de uma “[...] identidade colonial, ressignificando suas tradições sob a forma de uma negociação entre o antes e o agora.” (RADÜNZ, 2007, p. 125). Em relação à religiosidade dos imigrantes trentinos, Cadorin afirma:

Ao se transferir para o Brasil, o imigrante trentino trouxe consigo sua cultura, seu modo de se relacionar com o meio que o cercava: das pequenas vilas trentinas, onde a religião católica era cultivada intensamente, [...] os valores religiosos foram importantíssimos para ajudar a sublimar o meio que lhes era hostil. (CADORIN, 1996, p. 593).

O clero trentino, na segunda metade do século XIX (período em que vieram mais imigrantes trentinos para o Brasil), era influenciado pelo movimento ultramontano, o qual pregava a volta dos valores do cristianismo primitivo e também a infalibilidade do papa. Esses sacerdotes viam a população camponesa imigrante como público alvo para a implantação da doutrina ultramontana. “O concílio do Vaticano I², realizado de 1869 a 1870, foi o marco do movimento reformador da igreja universal que propunha como aceitos os postulados ultramontanos e romanizadores” (SOUZA, 2002, p. 277). Assim, em relação ao movimento ultramontano, Tavares refere:

A Igreja desenvolvia a consciência de uma missão- a ultramontana- e também uma autonomia frente ao poder civil. Defendia sua liberdade nos assuntos internos, [...] a ordem era resistir diante da secularização da sociedade e posicionar-se contra as ameaças à sobrevivência da Igreja: o liberalismo, o protestantismo e a maçonaria. (TAVARES, 2008, p. 62).

A igreja de orientação ultramontana também defendia que a autoridade do papa deveria ser fortalecida “[...] por meio de toda uma teia disciplinadora da Igreja do ponto de vista vertical.” (SOUZA, 2002, p. 290). Assim, os ultramontanos pregavam a infalibilidade papal. Segundo Rambo, para a Igreja ultramontana, “[...] foi preciso reagir à avalanche do pensamento liberal e socialista e seus efeitos, repensando a própria doutrina, redefinindo estratégias de ação e impondo uma disciplina religiosa rigorosa.” (RAMBO, 1998, p. 148).

No entanto, ao final do século XIX, a situação do clero no Rio Grande do Sul deixava muito a desejar (TAVARES, 2008; HAUCK, 1993)³. Desenvolviam um catolicismo festeiro⁴, de tradição leiga, caracterizado por festas ruidosas, desrespeito ao celibato, interesse por enriquecimento, muito longe, portanto, das diretrizes ultramontanas da Santa Sé, deixando, em segundo plano, a assistência religiosa por ela

²Durante a realização do Concílio do Vaticano I, os padres conciliares, sob a orientação do Papa Pio IX, “empenharam-se em afirmar e a reafirmar as linhas doutrinárias e as diretrizes disciplinares, tomando como referência principal o Concílio de Trento” (RAMBO, 1998, p. 148).

³Segundo Hauck (1993), relatos de padres redentoristas alemães e holandeses que vieram para o Brasil no século XIX fazem severas críticas ao clero brasileiro devido à falta de disciplina dos sacerdotes.

⁴O Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira, em 1864, faz uma descrição dos sentimentos religiosos da população porto-alegrense, dizendo que “se encontrava a fé, ligada a espetáculos e divertimentos públicos festivos” (TAVARES, 2008, p. 101).

preconizada. Nesse sentido, outros sacerdotes católicos, que também eram maçons, orientavam suas práticas pastorais em função das ordens políticas e econômicas dos dirigentes da comunidade. Não só os maçons, mas também outros representantes do movimento de crítica à religião, como os intelectuais anarquistas, racionalistas, positivistas, socialistas e liberais, tiveram sua influência nas questões religiosas, além das políticas, na comunidade imigrante. Tentavam enquadrá-las dentro de um ideal a ser alcançado (DREHER, 2007).

Muitas levas de imigrantes que posteriormente chegaram ao estado encontraram um catolicismo muito diferente daquele que professavam na Itália, além de outras práticas religiosas diferentes, especialmente a dos negros e dos indígenas, que, para eles, se assemelhavam a cultos pagãos. Assim, em relação à prática religiosa dos imigrantes italianos, Souza diz:

O imigrante, possivelmente, mais que ultramontano era tridentino⁵. À forma romana somava-se o conteúdo ultramontano. [...] à romanização burocrática colocava-se a doutrina ultramontana, estando ambas encaminhadas para a moralização disciplinadora em oposição ao mundo moderno e suas concepções de liberdade, educação, casamento, cultura e sociedade. (SOUZA, 2002, p. 290).

No Rio Grande do Sul, na época da imigração italiana, o contexto católico era diferente da Europa porque o catolicismo daqui provinha da tradição católica luso-brasileira. O contexto italiano, do qual vieram sacerdotes, era o da restauração católica, baseada nos princípios do catolicismo ultramontano, o qual reconhecia como única autoridade o Papa e os hierarcas por ele nomeados: “[...] um catolicismo que rejeitava a intromissão dos poderes laicos em questão de fé e disciplina religiosa.” (RAMBO, 2002, p. 72). A igreja dos imigrantes católicos se preocupava com o bem estar material do povo. Segundo Rambo, a igreja atuava em duas frentes: “a assistência social e a liderança em projetos que visavam o desenvolvimento e a promoção humana” (RAMBO, 2002, p. 61). O autor ressalta que o modelo de igreja da Restauração católica, o qual os imigrantes italianos trouxeram consigo, baseava-se em dois pontos vitais:

[...] a ortodoxia doutrinária e a disciplina eclesiástica do Conselho de Trento e um clero inteiramente afinado com essa orientação e ao mesmo tempo totalmente submisso à hierarquia, detentora exclusiva do magistério oficial da Igreja. (RAMBO, 2002, p. 61).

⁵Refere-se ao concílio de Trento, ocorrido no século XVI.

A Igreja Católica pretendeu recuperar, em um movimento de reação, sua privilegiada posição política, que tinha antes da Unificação da Itália. O receio da influência nefasta dos maçons, a necessidade de apoio religioso aos imigrantes, a tentativa de manter neles a cultura italiana e cristã levaram-na a enviar sacerdotes originários de congregações religiosas de homens e mulheres, com orientação ultramontana.

Segundo Manfroi (2001), a religião católica foi o fator de identidade coletiva para os imigrantes italianos, tanto os oriundos da Itália como os do Trentino. Em relação à identidade católica dos trentinos, entretanto, o imigrante Caetano Costamilan, ao defender as sociedades católicas, disse que:

As sociedades católicas, como qualquer outra sociedade, sabe-se que são permitidas pela constituição dos Estados Unidos do Brasil [...] e nada têm com o meu requerimento; e se talvez o Governo Italiano não é favorável a esta sociedade, eu posso dizer-vos que, na terra de minha origem (Áustria), essas sociedades gozam de proteção da suprema autoridade, o Imperador; [...]. (COSTAMILAN, 1989, p. 328).

Caetano Costamilan defendeu o padre Pedro Nosadini quando este foi expulso de sua paróquia após ser ameaçado de morte por membros da maçonaria local em 1897. Caetano abrigou o padre em sua casa e passou a defender a causa da Igreja Católica contra a maçonaria. Por isso, ele sofreu retaliações por parte dos inimigos do padre (COSTAMILAN, 1989). É importante ressaltar que os membros da maçonaria em Caxias do Sul, naquela época, eram pessoas influentes na política local, entre eles o intendente municipal, Campos Junior, que era o principal inimigo do padre Nosadini.

No Trentino, a maçonaria tinha pouca força devido à rejeição que os trentinos tinham por ela em razão da enorme influência que a Igreja católica exercia na região. Para Grosselli, não era grande a tradição da seita maçônica no Trentino, tanto que, em setembro de 1896, a cidade de Trento sediou um congresso anti-maçom (GROSSELLI, 1991). A luta contra a maçonaria era uma característica dos religiosos trentinos, porém os colonos trentinos pouco se envolveram na luta entre maçons e católicos, pois a luta contra a maçonaria era quase exclusiva dos padres trentinos, com poucas exceções entre os colonos, como foi o caso do imigrante Caetano Costamilan. Estes imigrantes:

Não compartilhavam das lutas travadas entre “maçons” e “católicos”, apesar de compartilharem da postura religiosa dos segundos [...]. Como os “austriacos” dedicavam-se à agricultura e permaneceram na zona rural, seu papel político foi pequeno, ligando-se aos outros grupos políticos que se formaram na região. São raros os “austriacos” que participaram das lutas políticas regionais. (GIRON, 1994, p.42).

A rivalidade entre italianos e trentinos tinha a ver com o sentimento regionalista e também com as posições adotadas pela Áustria e pela Itália em relação à Igreja Católica⁶, especialmente sobre a Questão Romana. No Rio Grande do Sul, no final do século XIX, entre os italianos que participaram do movimento operário, influenciado por ideias anarquistas e socialistas, eram escassos os trentinos (GROSSELLI, 1999). Assim, a Igreja Católica teve ampla influencia na mentalidade dos imigrantes trentinos. Para Ghirardi:

Ao contrario de muitos imigrantes de passaporte italiano, expostos a idéias anarquistas ou aos agentes da italianidade, o imigrante do Tirol italiano resguardava tradições conservadoras em religião e política. (...) Para tal imigrante, portanto, diferenciar-se dos demais italianos era reafirmar sua rejeição, tanto da propaganda socialista ou anarquista, quanto dos agentes de uma italianidade anti-clerical ou ambígua (Ghirardi, 1994, p. 22).

Segundo Grosselli (apud POSSAMAI, 2005), a luta pela incorporação do Trentino à Itália era uma preocupação somente burguesa e cidadina, pois os camponeses não entraram nela por pouco se importarem com os ideais da burguesia que queria a unificação da província à Itália, o que somente veio a ocorrer em 1919. Para Possamai, “O grupo dos trentinos não vinha de um país que recentemente havia lutado pela sua unificação e não contava com elementos garibaldinos ou carbonários que, com frequência, existiam entre os imigrantes italianos.” (POSSAMAI, 2005, p. 89). Dessa maneira. Em Santa Catarina, a rivalidade entre italianos e trentinos era alimentada pelos padres franciscanos alemães que tinham a intenção de “[...] proteger os bons tirolezes dos socialistas e maçons italianos” (GROSSELLI, 1987, p.437). Os franciscanos incentivavam a ligação dos trentinos com a monarquia austríaca para tentar impedir que estes aderissem à propaganda anarquista e anticlerical dos italianos oriundos do Reino da Itália (GROSSELLI, 1987). No Rio Grande do Sul, o padre trentino Augusto Finotti

⁶ A Unificação italiana, através do irredentismo, deu-se pelo ideário liberal, o que não contribuiu para intensificar a luta para integração do Trentino ao reino da Itália, pois a influência do clero católico era muito forte na região. O clero queria preservar os costumes dos trentinos desse tipo de pensamento, pois era fiel às orientações do Papa que vinha se opondo ao governo liberal instalado na Itália, com inspiração maçônica, desde a Unificação. Esses sacerdotes participavam do movimento ultramontano que buscava a volta do poder do Papado e da Igreja Católica na Itália, destituído com a Unificação italiana, desde 1848. Para Possamai (2005), a Igreja católica foi para os camponeses italianos e trentinos o que o Estado nacional foi para a burguesia, pois, para os camponeses, o padre, além de sacerdote, era também um líder intelectual.

dizia que era “[...] raríssimo o caso de garibaldinos, carbonários e maçons entre os trentinos” (FINOTTI apud GROSSELLI, 1987).

Em relação à religiosidade dos trentinos, para Rabuske (1978), eles são mais católicos do que outros imigrantes porque vão à missa regularmente, segundo o registro do padre jesuíta⁷ Eugênio Steinhart, que prestava assistência religiosa aos colonos italianos.

Os italianos que procedem do Tirol italiano assistem todos, bem dispostos, aos santos sacrifícios da missa e recebem com devoção os santos sacramentos. Os boêmios, contudo, embora afavelmente convidados, deixaram de aparecer. (RABUSKE, 1978, p. 15).

No Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos não aprovaram os padres jesuítas como seus guias espirituais pelo fato de a maioria deles serem alemães (POSSAMAI, 2005). A situação foi diferente na cidade de Nova Trento, em Santa Catarina, onde a maioria da população era de trentinos, por isso os jesuítas foram bem aceitos (GROSSELLI, 1987). A ação dos jesuítas chegou a impedir que a filial de uma fábrica de tecidos de Brusque fosse instalada em Nova Trento pelo fato de seu dono ser um protestante (CADORIN, 1996). Segundo Grosselli, “a ação dos padres, pregando a santidade como ideal e não o progresso, a glória de Deus e não o bem-estar dificultou que a cidade acompanhasse o ritmo do capitalismo que vinha sendo instaurado na região” (GROSSELLI apud CADORIN, 1996, p. 532).

De acordo com Grosselli, no Trentino, a Igreja Católica assumiu uma função que, em outros países, foi assumida pela sua burguesia, ou seja, a burguesia trentina renunciou ao papel de ser a classe dirigente⁸ em favor do clero católico. Assim, segundo o mesmo autor, “[...] a burguesia trentina se apoiava nos dois organismos que deveriam ter-se constituído para ela em dois inimigos [...] a Igreja de quem tinha necessidade para dirigir a classe camponesa e o Estado austríaco [...] para resolver a crise econômica.” (GROSSELLI, 1987, p. 65). Segundo Possamai:

A igreja católica foi para o campesinato italiano e trentino o que o Estado nacional foi para a burguesia emergente [...] Na igreja se formavam os quadros dirigentes do campesinato, para o qual o padre era mais que um sacerdote, mas também um líder intelectual. (POSSAMAI, 2005, p. 41).

⁷Os padres jesuítas alemães foram os primeiros a prestar assistência religiosa aos imigrantes italianos devido à falta de padres italianos nos primeiros anos da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

⁸A burguesia trentina, pelo fato de ser pouco numerosa e fraca economicamente, não teve a função que as burguesias de outros países, como França, Inglaterra e Alemanha, desempenharam, de ser a classe dirigente (GROSSELLI, 1987).

Em relação à religiosidade dos colonos italianos no Rio Grande do Sul, Manfroi afirma que “[...] a participação das celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festa, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno da estima e aceito pelos demais.” (MANFRÓI, 2001, p. 122). Segundo o autor, os imigrantes italianos constituíram, através da religião católica, a sua identidade cultural.

Os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul e seus descendentes não manifestaram sentimentos patrióticos exaltados, não se preocuparam em conservar o seu patrimônio cultural e mostraram-se indiferentes à causa da italianidade. Eram acima de tudo, católicos praticantes, do Vêneto, Lombardia, Tirol...e foi através da prática da religião que encontraram a própria identidade cultural. (MANFROI, 2001, p. 120).

Segundo Manfroi, os italianos prosperaram nas colônias devido ao fator religião, pois o autor defende a ideia de que, se não fosse a fé católica e os padres, os imigrantes italianos teriam perdido sua cultura e se acaboclado no meio das florestas brasileiras (MANFROI, 2001). No entanto, Dilse Corteze contesta essa explicação a respeito da religião. Segundo a autora, os imigrantes ficaram durante os primeiros anos nas colônias onde faltavam padres e, no entanto, isso não impediu que elas progredissem tanto econômica quanto socialmente (CORTEZE, 2002).

A Igreja Católica trentina se posicionava a favor da vinda dos imigrantes para as colônias do sul do Brasil, porque os padres pensavam que aqui os trentinos manteriam sua fé católica. As comunidades rurais do Trentino se assemelhavam às colônias pelo fato de elas também possuírem capelas com sacerdotes. O clero trentino, contudo, se posicionou contra a imigração para os Estados Unidos⁹ porque, naquele país, os trentinos emigrados trabalhariam em minas de carvão ou como proletários nas cidades, e, dessa forma, perderiam sua fé¹⁰ (GROSSELLI, 1991).

O Monumento aos tirolezes, construído em Caxias do Sul em 1977, tinha a forma de um oratório de montanha, típico da região dos Alpes. Isso demonstra a forte identificação que os descendentes de trentinos tinham com a religião católica, expressando, dessa forma, a identidade religiosa que o grupo mantinha. Um artigo publicado pelo jornal “O Pioneiro”, em maio de 1976, quando o monumento encontrava-se em construção, afirma que

⁹A partir da primeira década do século XX, o fluxo migratório trentino dirigiu-se majoritariamente para os Estados Unidos.

¹⁰O clero trentino pensava que, pelo fato de os Estado Unidos se encontrar com o capitalismo em um estágio muito avançado e ser um país de maioria protestante, os trentinos para lá emigrados perderiam a sua fé católica.

Quando partiram para a América, os primeiros imigrantes traziam em seus corações a fé inquebrantável, a energia e força em seus braços, e o espírito aventura em seus corações. [...] Acostumados a ver nas encostas dos Alpes, as singelas hermidas a que chamavam “Chiesa Montagna”, e os cruzeiros de madeira, ainda hoje lá existentes, ao qual chegaram, tão logo possível passaram a construir suas hermidas, sob o título genérico de “capitel” dos quais em nosso município ainda são encontrados alguns com mais 70/80 anos de construção. Os descendentes desses tirolezes, agradecidos a seus antepassados, quiseram reverenciar sua memória e sua saga, com um monumento comemorativo. E que melhor do que uma hermidas do Tirol para perpetuar sua lembrança? (O PIONEIRO, 10 maio 1976).

Os trentinos, assim como os demais italianos, eram muito religiosos, pois trouxeram valores morais baseados em princípios religiosos cristãos, claros e rígidos. A história do Trentino contribuiu para isso, considerando-se o domínio clerical dos Príncipes-Bispos que governaram a região por oitocentos anos, sendo um principado episcopal autônomo. Por isso, a influência cultural da religião católica foi mais intensa no Trentino (CORRÊA, 2009). Pode-se incluir o papel político de Trento ao abrigar o concílio no século XVI, que durou quase vinte anos. Eram raros os imigrantes trentinos não católicos, como foi o caso de César Girondi, imigrado para Garibaldi, que, além de maçom, também era metodista (CORREA, 2014). A força que a Igreja católica tinha no Trentino, devido ao fato de ter sido um bispado por oito séculos (1027-1803), influenciou sobremaneira a mentalidade dos habitantes da região.

Os trentinos tinham fama de serem conservadores em relação aos demais italianos; os austríacos eram conservadores, e os trentinos os superavam (POSSAMAI, 2005). O conservadorismo na sociedade austríaca influenciou a sociedade trentina com uma orientação política de direita, com forte oposição ao liberalismo, à maçonaria e ao anarquismo, que se instalaram na Itália durante muito tempo. Os valores do conservadorismo levaram os trentinos a terem um modo de viver com acentuada disciplina, ordem e rigidez. Assim o trentino típico representava o tipo ideal para o clero ultramontano, que não poupou esforços em alimentar a ligação afetiva dos imigrantes com Trento e com a monarquia austríaca, numa tentativa de preservá-los da propaganda anticlerical difundida pelos liberais italianos. A rivalidade entre os italianos e os trentinos também influenciou na religiosidade dos imigrantes. Segundo Azzi (1993):

Essas rivalidades envolviam as disputas com relação à localização das capelas e igrejas, à escolha dos santos padroeiros, à eleição dos santos padroeiros, à eleição dos fabriqueiros e inclusive com relação à própria origem do padre destinado a realizar a assistência religiosa nos núcleos

coloniais. Muitos desses atritos atingiram também os religiosos que davam assistência religiosa aos imigrantes. Assim, por exemplo, os escalabrinianos e os salesianos, dois institutos religiosos de fundação italiana, deram apoio significativo à causa da italianidade, ou seja, propugnavam a anexação das regiões de dominação austríaca ao reino da Itália. Já os franciscanos e jesuítas alemães, bem como os capuchinhos franceses, [...] mesmo quando atuantes em áreas de colonização italiana, mostravam-se simpatizantes à causa austríaca. (AZZI, 1993, p. 84-85).

Assim, para Azzi (1993), a Itália era governada por maçons, por isso muitos sacerdotes simpatizavam com o Império Austro-Húngaro, entre eles estavam os capuchinhos franceses, pois “[...] a ordem dos capuchinhos era particularmente ligada às monarquias católicas, em especial à casa da Áustria” (POSSAMAI, 2005, p. 161). Em vista disso, provavelmente a atuação dos capuchinhos era mais forte entre os trentinos do que entre os italianos (POSSAMAI, 2005). De acordo com Azzi,

Ao se instalarem no Rio Grande do Sul, os frades franceses encontraram, desde o início, o apoio incondicional de dois padres italianos provenientes da região de Trento, então pertencente ao Império Austríaco. Foram eles o Pe. Augusto Finotti, da paróquia de Nova Trento, e o Pe. João Batista Fronchetti, da paróquia de Conde d’Eu [...]. Na perspectiva da Cúria Romana, o governo da Itália era apenas um instrumento manobrado por liberais e maçons, e por ela condenado. Assim sendo, havia simpatia natural pelo Império Austríaco, cuja orientação política se afinava melhor com as diretrizes marcadamente conservadoras da Santa Sé. (AZZI, 1990, p.64-65).

Os membros do clero trentino tiveram importância tanto no auxílio espiritual aos imigrantes italianos, como na difusão e implantação do catolicismo ultramontano no Rio Grande do Sul. Essas características, no entanto, não eram exclusivas dos padres trentinos, mas geralmente dos padres oriundos do norte da Itália. A luta contra a maçonaria foi uma marca de três desses padres, Giovanni Fronchetti, Augusto Finotti e Bartolomeu Tiecher, pois eles se envolveram seriamente em combates contra os maçons, sendo, inclusive, perseguidos por seus membros. No entanto, para este artigo, serão destacadas as ações do padre Giovanni Frochetti.

O Padre Giovanni Frochetti nasceu em Torra, no Trentino, em 1863. Fez seus estudos no seminário diocesano, sendo ordenado padre em 1887. Como desejasse prestar auxílio espiritual aos emigrados, partiu para o Rio Grande do Sul em 1889 (RUBERT, 1977). Em 1890, tornou-se o primeiro vigário da Linha Figueira de Melo, onde a maioria das famílias instaladas eram trentinas. Embora de fala italiana, era cidadão austríaco e admirador do imperador da Áustria, Francisco José, tendo sido, por isso, vice-cônsul da Áustria e, em 1911, condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Ordem do Imperador Francisco José (RUBERT, 1977).

Em 1910, fundou o *Il Colono Italiano*, um jornal católico editado para um público formado, na sua maioria, por imigrantes italianos e descendentes que falassem a língua italiana. O jornal foi editado em Garibaldi, de 1910 até 1917, quando, devido a questões políticas, os capuchinhos assumiram a direção da publicação, sendo o nome mudado para *Staffetta Riograndense*. Segundo Tavares, “[...] a imprensa foi, sem dúvida, a estratégia mais eficiente utilizada pela Igreja para divulgar seus pensamentos e ações, atingindo a população católica” (TAVARES, 2008, p. 64). De acordo com esse autor, desde o final do século XIX, a Igreja católica no Brasil editava jornais com o objetivo de divulgar suas ideias e ações¹¹ (TAVARES, 2008). Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando a Itália e a Áustria lutaram uma contra a outra, o jornal *Il Colono Italiano* mostrou-se pró-Áustria, descontentando muitos italianos oriundos do Reino da Itália. Segundo Possamai: “[...] Fronchetti procurava divulgar as ideias do ultramontanismo. Os Capuchinhos, que também se inseriam nessa corrente ideológica, apoiaram a publicação do jornal [...]” (POSSAMAI, 2004, p.579). Ainda, segundo Possamai, “As tumultuadas relações entre a posição conservadora da Igreja Católica e da Áustria e a liberal, adotada pelo Estado italiano, repercutiram na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, dando origem a diversos conflitos” (POSSAMAI, 2004, p.578). O nacionalismo austríaco era baseado no catolicismo e no culto ao imperador.

Ao assumir a direção do Il Colono Italiano, o austríaco João Fronchetti deu-lhe uma nova direção editorial: se as notícias de Roma ainda figuravam no noticiário internacional, elas agora disputavam espaço com as vindas de Viena e das províncias irredentas, pertencentes à Áustria. (VALDUGA, 2008, p.159).

Em 1909, antes de assumir o jornal, o padre Fronchetti foi acusado pelo jornal maçom *Stella d'Italia*, dirigido por Adelgi Colnaghi, de ter armado um palco, por ocasião da festa de São Pedro em Garibaldi, com bandeiras de vários países, sendo que a única ausente era a da Itália, por má vontade do padre em relação a esse país. Em resposta a essa acusação, o jornal católico *La Liberta* defendeu Fronchetti, publicando uma coluna intitulada “Protesto”, na qual dizia que nenhuma bandeira fora colocada, condenava também a intriga que Adelgi Colnaghi fez entre italianos e austríacos.

¹¹No Rio Grande do Sul, durante o século XIX, foram editados dois jornais católicos: “A Estrela do Sul”, entre 1862 e 1869; e “O Thabor”, entre 1881 e 1882 (TAVARES, 2008). Em 1871 os padres jesuítas fundaram o jornal católico *Deutches Volksblatt*, feito para um público de fala alemã, ou seja, os teuto-católicos.

O *Il Colono Italiano* mantinha uma posição pró-Áustria, podendo-se claramente perceber isso no noticiário internacional que dava ênfase às notícias de Viena e do Trentino. Durante a I Guerra Mundial o jornal *Il Colono Italiano* editava artigos difamando os países adversários, por exemplo, descrevia a França como um país ateu e que confiscava os bens da Igreja; dizia que a Rússia, cuja religião oficial era a ortodoxa, perseguia os católicos na Polônia, descrevia a Itália como um país anticlerical e dominado pela maçonaria, dizia que os maçons é que tinham interesse na entrada do país no conflito, enquanto os católicos eram favoráveis à neutralidade. Não desejavam, portanto, que a nação entrasse na guerra. O jornal “[...] afirmava que os maçons buscavam fomentar entre os italianos sentimentos francófilos e anglófilos para que forçassem a Itália a declarar guerra contra as potências centrais” (POSSAMAI, 2004, p. 579).

O jornal *Il Trentino*, impresso em Porto Alegre e de propriedade do jornalista G.Andreatti, se declarava como o único jornal austríaco do Brasil; sua circulação ocorreu de 1915 a 1917. Em setembro de 1917, trocou seu nome para *Áustria Nova*, “este jornal se auto-definia como um órgão dos austro-húngaros no Brasil” (Borges, 1993, p.46). Depois disso, não se teve mais notícias dele, sabendo-se apenas que só quatro exemplares foram encontrados. O *Il Trentino* expressava bem a identidade da comunidade tirolês-italiana no Rio Grande do Sul, manifestando o sentimento patriótico de lealdade ao Império austro-húngaro, ao imperador e à Igreja Católica.

O *Il Trentino* era contra os nacionalistas italianos, “[...] defendia o Estado multinacional austríaco como um modelo para o Brasil, habitado por gente de diferentes etnias.” (POSSAMAI, 2005, p.220). O jornal tinha uma coluna que era redigida por um padre chamado Giacomo Vicenzi que “atacava a unificação italiana, qualificada de um atentado contra o quinto e o sétimo mandamentos e o desejo da Itália de anexar o Trentino e Trieste ao seu território.” (POSSAMAI, 2005, p.220). Essas idéias estão expressas em um enorme artigo intitulado “Áustria, uma potência católica” (*IL TRENTINO*, 7 mar.1917).

Os discursos jornalísticos obedecem às regras históricas, ou seja, “[...] o conteúdo apresentado está ligado ao seu tempo. Os discursos construídos pelos jornais estão balizados pelo contexto em que foram criados” (AGUIAR, 2010, p. 8). Assim, o nacionalismo dos imigrantes trentinos tinha a ver com a noção de pertencimento e cidadania em relação à nação austríaca, além do sentimento religioso baseado na fé católica. Conforme Bauer, “O nacionalismo caracteriza-se também pela imposição do

Estado no domínio público cuja ligação entre indivíduo e instituição ocorre através da noção de cidadania” (BAUER, 2000 apud VALDUGA, 2008, p. 25). Na edição de 24 de abril de 1917, o jornal expressa abertamente, em língua portuguesa, seu nacionalismo e a preferência dos imigrantes trentinos, que eram de fala italiana, pela Áustria:

Sempre sustentamos que para nós catholicos (sic) é estrito dever obedecer à autoridade legitimamente constituída. Este foi o motivo principal porque os austríacos de língua italiana ficaram na sua totalidade fidelíssimos ao imperador d'Áustria e à sua pátria, tendo como inabalável programa: antes catholicos (sic), depois austríacos e enfim italianos. (IL TRENTINO, 24 abr. 1917, p.1).

O presente artigo procurou mostrar como e de qual maneira os ideais católicos ultramontanos assim como o clero de origem trentina e também de outras nacionalidades influenciaram na mentalidade dos imigrantes trentinos em relação à questão nacionalista, ou seja, alimentando a ligação destes imigrantes de língua italiana com a Áustria e a fidelidade ao imperador. No entanto é preciso ressaltar que nem todos os trentinos pensavam desta forma. Para concluir, a pesquisa sobre os trentinos, realizada até o momento, revela resultados parciais. Fica em aberto a possibilidade de novas pesquisas sobre esse assunto.

REFERENCIAS

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. Imprensa: fonte de estudo para construção e reconstrução da história. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 10, jul. 2010, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** Santa Maria: UFSM, UNIFRA, 2010. Disponível em <<http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.com.br>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: A Nação-Instituto Estadual do Livro, 1975.

AZZI, Riolando. Fé e italianidade: a atuação dos Escalabrinianos e dos Salezianos junto aos imigrantes. In: DE BONI, Luiz Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil.** Porto Alegre: EST/Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. 2.

_____. O catolicismo de imigração. In: DREHER, Martin Norberto (Org.). **Imigrações e história da Igreja no Brasil.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993.

BERTONHA, João Fábio. **Non tutti gli italiani sono venuti dall'Italia.** L'imigrazione dei sudditi imperiali austriaci di língua italiana in Brasile, 1875-1918. In: <http://www.altreitalie.it/Pubblicazioni/Rivista/n°46>. Acesso em 28/07/2014.

BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho.** Porto Alegre: EST, 1993.

CADORIN, Jonas. Ad Maiorem Dei Gloriam: Jesuítas e trentinos em Nova Trento. In: DE BONI, Luiz A. (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST/Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, v.3.

CORRÊA, Marcelo Armellini. **Raízes trentinas no Rio Grande do Sul**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) – Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. **Dos alpes do tirol à serra gaúcha: a questão da identidade dos imigrantes trentinos no rio grande do sul (1875-1918)**. Dissertação (mestrado em história) – Programa de pós-graduação em história, Universidade do Vale do Rio Dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

CORTEZE, Dilse Piccin. *Ulisses va in America: história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: UPF, 2002.

COSTAMILAN, Ângelo Ricardo. **Homens e mitos na história de Caxias do Sul**. Porto Alegre: Posenato arte & cultura, 1989.

DREHER, Martin N. Imigração e Religião no Rio Grande do Sul do Século XIX. In: GIRON, Loraine Slomp; RADUNZ, Roberto (Org.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 2007.p. 191-203.

GHIRARDI, Pedro Garcez. **Imigração da palavra**. Escritores de língua italiana no Brasil. Porto Alegre: EST, 1994.

GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou morrer: camponeses trentinos (Venêtos e Lombardos) nas florestas brasileiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

_____. *Da schiavi bianchi a coloni. Un progetto per le fazendas. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane: São Paulo 1875-1914*. Trento: Edizione a cura della Provincia autonoma di Trento, 1991.

_____. *Noi tirolesi, sudditi felici di don Pedro II*. Porto Alegre: EST, 1999. (Italia nel Mondo)

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

_____. **Identidade: região e valores**. In: GIRON, Loraine Slomp; RADUNZ, Roberto (Org.) **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007.

HAUCK, João Fagundes. Visão dos padres holandeses e alemães sobre o clero brasileiro e a devoção popular. In: Dreher, Martin Norberto (Org.). **Imigrações e história da Igreja no Brasil**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993.

MANFROI, Olivio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. 2.ed. Porto Alegre: EST, 2001.

POSSAMAI, Paulo César. **“Dall’ Italia Siamo Partiti”**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

_____. Imprensa e italianidade: RS (1875-1937). In: DREHER, Martin; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (Org.). **Imigração e imprensa**. Porto Alegre: EST, 2004.

RABUSKE, Arthur. **Os inícios da colônia italiana do Rio Grande do Sul em escritos de jesuítas alemães**. Porto Alegre: EST, 1978.

RADÜNZ, Roberto. Deuschtum e Italianita: Uma Introdução à Historiografia Comparada do Sul do Brasil. IN: GIRON, Loraine Slomp; RADUNZ, Roberto (Org.) **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007.p. 117-152.

RAMBO, Arthur Blasio. A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional. In: DREHER, Martin N. (Org.). **Populações rio-grandenses e modelos de igreja**. Porto Alegre: Edições EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998.p. 147-162.

_____. A igreja dos imigrantes. In: Dreher, Martin (Org.). **500 anos de Brasil e igreja na América meridional**. Porto Alegre: EST, 2002. p. 57-73.

RUBERT, Arlindo. **Clero secular italiano no Rio Grande do Sul (1815-1930)**: padres dos imigrantes. Santa Maria: Palotti, 1977.

SOUZA, Wladimir Doniseti de. Imigração italiana e igreja: ultramontanismo e neo-ultramontanismo. In: Dreher, Martin (Org.). **500 anos de Brasil e igreja na América meridional**. Porto Alegre: EST, 2002. p. 276-293.

TAVARES, Mauro Dillmann. **Irmandades, Igreja e Devoção no sul do Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus"**: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

JORNAIS CONSULTADOS

Il Trentino, Porto Alegre, 7 mar. 1917; 24 abr. 1917.

O pioneiro, Caxias do Sul, 10 maio 1976